

# DA FUTILIDADE À POTÊNCIA EM “LEGALMENTE LOIRA”: análise fílmica como recurso educacional para o ensino de socioantropologia<sup>1</sup>

Gabriel Cortezi Schefer Cardoso (Graduação em Ciências Sociais – UFRGS/RS)

**Palavras-chave:** Legalmente loira; ensino; análise fílmica.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho foi elaborado durante a realização da disciplina “Educação contemporânea: currículo, didática, planejamento”, cursada na Faculdade de Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS), em que tive a oportunidade de criar um planejamento didático-pedagógico para o campo das Ciências Sociais. Pela proximidade com a antropologia visual e apreço por filmes, busquei utilizar a análise fílmica como recurso educacional para o ensino de Sociologia no Ensino Médio.

Pensando na realidade social dos estudantes e na necessidade da inserção de metodologias que dialogam com a realidade dos alunos, encontrei nos filmes *mainstream*<sup>2</sup> a oportunidade de trazer conceitos socioantropológicos por meio da análise fílmica para a sala de aula. Posto isto, busquei nos “absurdos irônicos” dos filmes de patricinhas<sup>3</sup> a possibilidade de debater temáticas e conceitos sociais tão caros ao debate socioantropológico de forma descontraída e que permeia as experiências fílmicas dos educandos. Os absurdos irônicos presentes nas obras de patricinhas levam as identidades sociais ao máximo da representação, parodiando as formas de representação de um grupo social. Desta forma, as maneiras de vestir, falar e viver são ironizadas explicitando as formas de existências das patricinhas em um tempo, local e espaço no mundo social, essas atuações exageradas ironizam por meio da paródia as identidades sociais desafiando e incorporando as normas de comportamento a fim de representar o espírito de uma época, de uma identidade e de um grupo social. (Azerêdo, 2003).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

<sup>2</sup> *Mainstream* é um termo que diz respeito às obras culturais que possuem um grande circuito de circulação, geralmente atrelado às obras produzidas por Hollywood.

<sup>3</sup> Filmes de patricinhas são um subgênero do “cinema jovem” (*teenpic*) que surgiu a partir dos anos 1950 como resultado da fragmentação do cinema a partir da produção de filmes para grupos de consumidores específicos (Sonnet, 2013).

Assim, este projeto didático tem como objetivo debater cultura, identidade e diversidade como competências para o ensino de socioantropologia no ambiente escolar. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), os estudantes devem obter as seguintes habilidades “identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.” (Brasil, 2018, p. 572) e “Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.” (Brasil, 2018, p. 572).

As aulas de sociologia, no Ensino Médio, possuem o caráter de refletir sobre os temas da realidade social, que os alunos permeiam, ou se sentem instigados a conhecer. Pensando assim, a inserção de uma aula sobre identidade social e cultural é importante para os alunos identificarem a pluralidade de ideias, valores e costumes que existem na sociedade. Ora, compreender as identidades sociais busca também escancarar suas demandas enquanto sujeitos coletivos (Krenak, 2017; Hall, 2001) e seus atravessamentos enquanto pessoas constroem, participam e mantêm vivas os costumes e práticas culturais. Desta forma, é imprescindível que os alunos debatam sobre cultura, diversidade e identidade para uma melhor compreensão da realidade social. Apresentar novas perspectivas e ensinar sobre a diversidade cultural permite que os sujeitos sociais compreendam outras realidades, encontrem formas de se expressar na sociedade e a respeitar outras pessoas diferentes de si.

Em “Pedagogia do oprimido” (1987), Paulo Freire apresenta os Temas Geradores como um conceito potencializador do planejamento de ensino, que serve para fazer com que os sujeitos tomem consciência de sua realidade, para fazer com que criem consciências críticas dessa realidade. Segundo Paulo Freire, “investigar o ‘tema gerador’ é investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis.” (Freire, 1987, p. 56). Ou seja, pensar em temas que estão dentro da realidade dos sujeitos sociais faz com que eles se tornem sujeitos críticos da realidade. Desta maneira, compreender a temática de identidade e diversidade sociocultural faz com que os agentes sociais entendam a sua realidade, mas também a do outro. Sendo assim, “quanto mais assumam os homens uma postura ativa na investigação de sua temática, tanto mais aprofundam a sua tomada de consciência em

torno da realidade e, explicitando sua temática significativa, se apropriam dela.” (Freire, 1987, p. 56).

Para tanto, proponho três planos de aulas que apresentam os seguintes conceitos: (1) cultura; (2) subcultura; (3) identidade cultural/social; (4) identidade nacional; (5) diversidade; (6) diferença. Estes conceitos serão dispostos para a análise fílmica da obra “Legalmente Loira” (2001). Partindo do uso destes recursos teóricos socioantropológicos, os alunos irão discutir sobre como essas temáticas se cruzam dentro da história da personagem principal do filme, Elle Woods.

### **DA FUTILIDADE À POTÊNCIA: A ESCOLHA DE LEGALMENTE LOIRA**

Certamente, um filme que uma das frases mais icônicas é “você está terminando comigo porque sou muito... loira?” não parece ter alguma grande lição moral ou aprendizado sobre o mundo. Em verdade, muitas pessoas assistem filmes tidos como “fúteis” ou “superficiais” e não percebem como suas narrativas estão imbuídas de realidades sociais, de temáticas de diferença, identidade, pertencimento e socialização.

Toda narrativa, principalmente àquelas que dizem respeito à “indústria cultural” (Adorno, 2024), possuem alguma forma de passar algum pensamento ideológico que, de certa forma, configura maneiras de se comportar e ser na sociedade. Estes filmes que visam o público feminino, muitas vezes funcionam como “adestradores” de comportamento feminino, apresentando narrativas que contribuem para a competitividade feminina ou que apresenta uma vida de *glamour* e beleza em prol de uma transformação radical no comportamento da personagem (Gonçalves, 2018).

Portanto, por se tratar de filmes que configuram formas de ser, estar e se comportar, muitas vezes as temáticas de diversidade, socialização e identidade são fundamentais para a construção narrativa da história da personagem principal ou coadjuvantes. Em *Legalmente Loira* (2001), conhecemos a vida da personagem Elle Woods, uma garota branca de classe alta que cursa moda na Universidade da Califórnia. Após um término de relacionamento inesperado, a personagem se vê num momento de frustração e em busca de reconquistar seu amado, ela faz de tudo para ser aceita na Faculdade de Direito de Harvard, onde seu ex-namorado estaria se mudando para estudar. Ao ser aceita na Faculdade de Direito de Harvard, a personagem principal se vê diante de uma realidade totalmente distinta ao seu “mundo cor-de-rosa” na Califórnia.

Inserida em uma nova realidade social, Elle Woods enfrentou problemas para se socializar na nova cidade, passando por “preconceitos” pela maneira de como se comporta e se veste. Necessitando se adaptar às novas regras sociais, a personagem passa por transformações na sua identidade e aprende sobre diversidade, cultura, diferença, sororidade e trabalho em equipe em meio às tramas do seu cotidiano.

Em “A Arte *Queer* do Fracasso” (2020), Jack Halberstam apresenta como filmes de animação infantojuvenis possuem a capacidade de imaginar mundos porvir. A partir da análise filmica, ele apresenta que estas obras possuem narrativas de socialismo utópico e união social a partir das lições de moral que esses filmes transmitem para as crianças.

Em “A Fuga das Galinhas” (2000) a narrativa apresentada seria de uma revolução feminista na medida em que as galinhas se unem para fazer o avião funcionar e

também rejeita a solução individualista proposta por Rocky o galo (dublado por Mel Gibson) para favorecer a lógica do grupo. Quanto ao elemento queer, bem, elas são galinhas e, portanto, pelo menos em A fuga das galinhas, a utopia é um campo verde repleto de aves fêmeas com apenas um galo andando por ali de vez em quando. A revolução nesse exemplo é feminista e animada. (Halberstam, 2020, p. 37).

Em “Monstros S.A.” (2001), a narrativa apresenta “monstros contratados para assustar crianças descobrem uma afinidade por elas que supera a aliança corporativa com os adultos que dirigem a fábrica de gritos.” (Halberstam, 2020, p. 50). E em “*Bee Movie*” (2007), assistimos as abelhas lutando contra o sistema, o trabalho sem remuneração e as condições precárias de trabalho às quais elas são submetidas.

Ao escolher Legalmente Loira como ponto de partida para as aulas deste projeto didático, busco também debater temáticas que atravessam a narrativa empregada pela trama cinematográfica. A partir das ironias absurdas presentes no filme, é possível instigar o debate tanto sobre as temáticas apresentadas quanto sobre gênero, feminilidade e legitimação social e política. Pensar em narrativas femininas para debater temáticas de ensino e teorias complexas apresentam para os alunos que as narrativas fúteis possuem uma potencialidade para refletir o social, ajudando a diminuir o estigma da deslegitimação do papel da mulher na sociedade e, principalmente, o que tange os

assuntos e debates do mundo feminino que, em diversos momentos, são vistos como inferiores ao que tange o tão “sério e responsável” mundo dos homens (Biroli, 2017).

Eu poderia escolher qualquer filme sobre patricinhas, garotas em situação de conflito e juventude: *Meninas Malvadas* (2004), *Jovens Bruxas* (1996) ou *Patricinhas de Beverly Hills* (1995), todos eles possuem narrativas sociais sobre garotas em situação de conflito que colocam em debate assuntos como diversidade, identidade e cultura. Contudo, escolhi *Legalmente Loira* por três motivos: (1) é um filme de fácil acesso, tendo em diversas plataformas de filmes e até gratuitamente legendado no *Youtube*; (2) é um filme que muitas pessoas já assistiram e perpassa as barreiras de geração; (3) as temáticas sociais apresentadas são tão nítidas e exageradas que é muito simples para alunos de Ensino Médio identificarem as questões sociais ali presentes. Além disso, ao contar para os alunos que eles irão ter uma aula sobre “Legalmente Loira” eles já apresentam reações totalmente confusas, pois não esperam que um filme “fútil” (desde seu nome) possa agregar de alguma forma a seu processo de ensino e aprendizagem.

Portanto, a utilização de filmes em sala de aula se torna mais urgente na medida em que as configurações sociais se tornam cada vez mais digitais. Segundo Viana (2010),

por muito tempo, a escola privilegiou o uso da língua escrita, mas a atualidade requer imagens, pois hoje o mundo é da imagem. A invasão da imagem mostra que o estímulo visual se sobrepõe no processo de ensino/aprendizagem, pois a cultura contemporânea é visual. O aluno é estimulado pelas histórias em quadrinhos, videogames, *videoclips*, telenovelas, cinema, jogos variados, inclusive do computador, todos com apelos às imagens (Viana, 2010, p.3 apud Coelho; Viana, 2011, p. 3).

Partindo então da necessidade de aulas interativas e que se apresentam próximas às realidades sociais dos estudantes, a inserção de filmes no cotidiano escolar para os processos de aprendizagem coloca a análise filmica como uma competência para a formação de um sujeito social crítico de sua realidade. A utilização de filmes em sala de aula é essencial para a formação de um cidadão crítico e reflexivo das narrativas apresentadas a ele por meio das telas. Viana (2002), complementa que o

equilíbrio entre as palavras e as imagens, facilita os processos de desenvolvimento do pensamento em geral e, em particular no processo de ensino/aprendizagem. É por isso que se assinala que sem sensações, percepções e representações, não há desenvolvimento do pensamento; daí, ser importante, sempre que possível, além das palavras, usar representações visuais (Viana, 2002, p.77 apud Coelho; Viana, 2011, p. 3).

A eloquência das imagens permite que ela se apresente de uma forma muito mais chocante e interativa possibilitando que o observador mergulhe na experiência de uma forma muito mais forte do que pelas palavras que traduzem os significados dos conceitos socioantropológicos (Novaes, 2014). Acredito que os filmes possuem essa capacidade de fazer com que o estudante mergulhe na realidade apresentada compreendendo os conceitos explicados de uma forma mais prática e vívida do que se eles fossem apresentados sem uma contextualização ou prática. É então por meio da análise fílmica que os conceitos são assimilados pelos alunos possibilitando um maior entendimento da trama social, passando por sua bagagem cultural (Bodart, 2015) e pelos conceitos aprendidos em sala de aula.

## **DO PROJETO DIDÁTICO**

Quanto ao desenvolvimento das aulas propriamente ditas, primeiramente, a ideia de cultura e subcultura deve ser esclarecida. Cultura pode ser entendida como a forma de adquirir qualquer tipo de conhecimento, seja a partir do encontro com outras pessoas, artes, livros, filmes e realidades diferentes (Berger; Luckmann, 2002). Radcliffe-brown (1973), define cultura como o processo pelo qual as pessoas adquirem conhecimento, ideias, crenças e gostos pelo contato com outras pessoas, livros e artes. Subcultura, então, é pensada como culturas dentro da cultura dominante que possuem traços identitários e culturais diferentes que podem, ou não, estarem contra as ordens sociais vigentes, contudo, geralmente, subcultura é apresentada como formas de resistência na sociedade em busca de romper com o status quo e as estruturas sociais. (Naharro, 2012).

Saliento, também, a importância de distinguir a identidade cultural e social da identidade nacional. Segundo Vieira (2006), a identidade nacional é uma comunidade imaginária ancorada em narrativas de nação que visa uma ideologia do nacionalismo vinculada ao conservadorismo. A existência de um discurso de identidade nacional diminui a diversidade cultural, colocando as identidades culturais e sociais em declínio a partir de aparatos do Estado, como a repressão de grupos sociais minoritários que pertencem a essa diversidade cultural. Dessa forma, a existência da diversidade cultural é sempre resultado de um encontro com as diferenças, portanto, precisamos estar em contato com o outro para experienciar os choques culturais. (Kuper, 2002; Vieira, 2006).

A construção da identidade social e cultural de uma pessoa se dá por muitos fatores como a socialização e o acesso à cultura (Berger; Luckmann, 2002). Desta forma, a identidade social é construída a partir de diversos eventos sociais que influenciam a vida de um sujeito. Muitas identidades sociais são marcadas por símbolos e signos muito específicos que delimitam essas identidades como os tipos de roupa, cores de cabelo, estilos de vida, preferência musical e literária, enfim, são diversos os fatores que fazem alguém se identificar com um grupo social (Perilo, 2011; Facchini, 2008).

Além disso, na contemporaneidade as identidades sociais e culturais se tornaram fragmentadas, possibilitando que o sujeito social participe e se identifique com diversas culturas e comunidades criando um sujeito fragmentado nos seus discursos, jeitos e, principalmente, na sua identidade. Hall (2001), afirma que

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (Hall, 2001, p.12).

Por fim, Geertz (1999) afirma que diversidade é de diferenciação, mas não devemos pensar essa diferença como algo negativo, mas sim, compreender que no mundo há saberes e vivências localizadas distantes de nós e precisamos aprender a lidar com essa diversidade e a respeitá-la. Kuper (2002), vai pensar a diferença produzida a partir da ideia de multiculturalismo do encontro do outro no mundo atual com a globalização, como a chance de aprender com as diferenças, a chance de misturar culturas é a chance de se celebrar a diversidade e de ver que as diferenças não devem nos separar, mas nos unir enquanto sujeitos sociais múltiplos capazes de aprender, estar e viver com a diferença e a diversidade latente do mundo contemporâneo.

O objetivo geral de um projeto didático desta envergadura consiste em favorecer a aprendizagem sobre os conceitos chave de identidade e de diversidade. Pensando estes conceitos a partir de um uso didático do filme “Legalmente Loira” (2001), objetiva-se mobilizar os conceitos apresentados para compreender uma identidade social/cultural. Assim, este projeto tem como objetivo tornar possível estudar sobre diversidade e identidade, debater sobre as temáticas de ensino que dizem respeito aos

conceitos socioantropológicos e os seus papéis na vida em sociedade e analisar o filme “Legalmente Loira” (2001) como recurso didático para compreender teorias complexas.

A proposta, brevemente descrita abaixo, considera uma avaliação contínua durante a sua realização, em que a avaliação dos alunos seja processual, formativa e baseada no seu engajamento nos debates em torno do filme e de sua participação nas atividades.

### **Aula 1 - Aula expositiva sobre os conceitos de identidade, cultura e diferença.**

#### **Primeiro Momento – 5 a 10 minutos: interação com alunos e introdução da aula**

O professor deve colocar as seguintes perguntas no quadro e lê-las em voz alta: I) O que é identidade?; II) O que é cultura?; III) O que é diversidade?

Em seguida, ele deve pedir para os alunos escreverem nos seus cadernos as respostas, nas percepções deles e pensarem em personagens que eles acreditam que possuem identidades sociais bem delimitadas e o nome das respectivas identidades.

**Exemplo:** o aluno vai responder as três questões de acordo com sua opinião e escolher uma (ou mais) personagens, seja essa personagem de filme, série, livro ou desenho, qualquer mídia que ele escolha, ele vai escrever “Cher (personagem) – Patricinhas de Beverly Hills (filme) – Patricinha (identidade da personagem)”.

#### **Segundo Momento – 30 minutos: conceitos básicos de identidade, cultura e diferença/diversidade**

Na aula expositiva do professor será utilizada a síntese do conteúdo que está abaixo. Em roda de conversa com os alunos, o professor deve ir explicando os conceitos principais desta aula: identidade social e cultural, diversidade e diferença. A roda de conversa se baseia na apresentação do conteúdo enquanto os alunos podem fazer intervenções para dúvidas ou para agregar suas informações sobre o assunto.

Síntese:

A identidade social e cultural é como nos portamos na sociedade e como nos sentimos parte de um grupo. (Perilo, 2011). A identidade social diz respeito a um sujeito único, a construção subjetiva enquanto um ser humano com um universo simbólico, com suas próprias percepções subjetivas do mundo. A identidade cultural é a identidade que caracteriza um grupo, um aglomerado de pessoas, ou seja, o Brasil é composto por diversas identidades culturais que podem ser regionais, locais ou até alternativas dentro de uma localidade.



No texto de Cuche (1999), ele apresenta identidade social e cultural como formas dos grupos se organizarem e se identificarem e produzirem diferenças, ou seja, toda identificação é uma diferenciação, visto que a fronteira dessa separação é a vontade de se “diferenciar e o uso de certos traços culturais como marcadores de sua identidade específica”. (Cuche, 1999, p. 200). Na atualidade, os sujeitos não são fixos e podem ser pensados que estão a todo momento sendo inseridos e retirados de diversas culturas, possibilitando que uma pessoa tenha uma ou mais formas de se entender e se identificar na sociedade. Partindo deste princípio, Stuart Hall (2001), mobiliza a ideia de “sujeito fragmentado” para compreender essas múltiplas identidades, então todos nossos marcadores sociais vão produzir diferentes identidades, subjetividades e desejos de pertencer a diversos grupos sociais que possuem diversas culturas, sendo assim, Cuche afirma que:

cada um faz a partir de suas diversas vinculações sociais (de sexo, de idade, de classe social, de grupo cultural...), o indivíduo que faz parte de várias culturas fabrica sua própria identidade, fazendo uma síntese original a partir destes diferentes materiais. O resultado é, então, uma identidade sincrética e não dupla, se entendermos por isso uma adição de duas identidades para uma só pessoa. (Cuche, 1999, p. 184).

Desta forma, o coletivo dessas identidades sociais, que possuem múltiplas identificações, constroi em si culturas únicas com traços definidos do que é fazer parte do grupo, a identidade cultural é demarcada pelas práticas materiais e imateriais, os patrimônios, de um grupo social. Sendo assim, a identidade cultural de um grupo seria a forma de viver e as questões que eles possuem como fundamentais para se identificar neste grupo. É a música, a comida, a forma de se vestir e outros marcadores que delimitam as identidades culturais. (Hall, 2001).

As definições de cultura e subcultura já foram introduzidas no referencial teórico, contudo, é importante reafirmar que as culturas podem ser entendidas como as ordens hegemônicas dos grupos sociais que estão no poder, sendo assim, as culturas são produtos da sociedade em geral. Cultura pode ser entendida como a forma de adquirir qualquer tipo de conhecimento, seja a partir do encontro com outras pessoas, artes, livros, filmes e realidades diferentes (Berger; Luckmann, 2002). Radcliffe-brown (1973), vai definir cultura como o processo pelo qual as pessoas adquirem conhecimento, ideias, crenças e gostos pelo contato com outras pessoas, livros e artes. Subcultura então, é pensada como culturas dentro da cultura dominante que possuem traços identitários e culturais diferentes que podem, ou não, estarem

contra as ordens sociais vigentes, contudo, geralmente, subcultura é apresentada como formas de resistência na sociedade em busca de romper com o status quo e as estruturas sociais. (Naharro, 2012).

Por fim, Geertz (1999) afirma que diversidade é de diferenciação, mas não devemos pensar essa diferença como algo negativo, mas sim, compreender que no mundo há saberes e vivências localizadas distantes de nós e precisamos aprender a lidar com essa diversidade e a respeitá-la. Kuper (2002), vai pensar a diferença produzida a partir da ideia de multiculturalismo do encontro do outro no mundo atual com a globalização, como a chance de aprender com as diferenças, a chance de misturar culturas é a chance de se celebrar a diversidade e de perceber que as diferenças não devem nos separar, mas nos unir enquanto sujeitos sociais múltiplos capazes de aprender, estar e viver com a diferença e a diversidade latente do mundo contemporâneo.

### **Terceiro momento – 10 minutos: unir os alunos em grupo para dinâmica final**

Solicitar que os alunos se reúnam em grupos de 3 a 5 participantes para debater o que aprenderam na aula. O professor deve colocar no quadro as seguintes perguntas solicitando que sejam respondidas pelo grupo em uma folha separada e entregue ao final da aula com nome dos participantes do grupo.

Perguntas: 1) Qual a importância da identidade e da diversidade na sociedade?; 2) Comparando as anotações feitas por vocês, no começo da aula, com as novas informações que possuem sobre o assunto suas percepções sobre o tema mudaram?; 3) há diferenças entre as opiniões do grupo?

**Recursos e materiais didáticos:** lápis, caderno, canetas e folhas.

## **Aula 2 - Debate sobre o filme “Legalmente Loira” (2001) e a questão da identidade e diversidade na análise filmica.**

### **Ação prévia - Em casa**

Os alunos assistirão o filme “Legalmente Loira” (2001) e devem refletir sobre a importância das roupas das personagens presentes no filme, em especial a personagem principal Elle Woods, a importância do seu estilo na construção de sua identidade e como a sua identidade é apresentada ao longo do filme.

### **Primeiro Momento – Exposição de trechos do filme com debates.**

Apresentar os trechos do filme *Legalmente Loira* (2001) para debater questões de identidade, diferença e diversidade. Os trechos selecionados estão com a marcação de tempo de acordo com o site de *stream Amazon Prime Video*.

Os alunos devem anotar todas as perguntas que serão feitas e entregar ao professor numa folha separada no final da aula com seus nomes.

**Trecho 1:** 12:50 - 19:35.

**Descrição da cena:** Elle Woods decide que vai fazer direito em Harvard. Para isso, ela conta com suas amigas da fraternidade, pais e professores para obter notas altíssimas e ser aceita em Harvard. Assim que ela conta para as amigas e familiares de sua intenção, todos falam que ela não precisa disso porque quem faz direito é “chato” ou “não descolado”. Contudo, todos a apoiam nessa jornada. A cena vai passando, ela estuda enquanto suas amigas saem para festas e, por fim, mostra a cena do vídeo de inscrição dela para Harvard. O vídeo é nada convencional, a personagem está de biquíni na piscina contando todas suas conquistas, projetos sociais e suas notas. Quando o vídeo termina, a câmera foca no rosto dos professores e eles argumentam, entre si, sobre ela trazer “uma diversidade” para a faculdade, já que ela não se parece nada com o “tipo” de aluno que vai para Harvard. Desta maneira, podemos compreender como a diversidade é localizada. Naquele ambiente ela é considerada a diferença, ou o outro, mas na Califórnia os estudantes de Harvard seriam os diferentes.

Após assistir o trecho, o professor apresenta as seguintes perguntas no quadro:

**Perguntas:** I) Quais as percepções das pessoas na Califórnia sobre fazer direito? Qual a percepção dos amigos e familiares?; II) Qual a ironia presente na cena da fita de inscrição de Elle Woods para Harvard e a reação dos professores?; III) O que seria essa “diversidade” que ela traria para Harvard?

**Trecho 2:** 23:45 - 28:50.

**Descrição da cena:** A personagem coloca uma roupa que, para ela, é a roupa de “uma estudante de direito séria”, mas quando chega na aula a professora e seus outros colegas utilizam roupas que não condizem com a imagem que ela pensa que uma advogada respeitada usaria, sendo a pessoa com a identidade diferente naquela sala, ela sofre um pré-julgamento de seus colegas e professora.

Após assistir o trecho, o professor apresenta a seguinte pergunta no quadro:

**Pergunta:** Como a aparência de Elle Woods tem um significado para ela, mas é lida de outra maneira pela professora e pelos outros alunos?

**Trecho 3:** 1h:19:57s - 1h:20:40s.

**Descrição da cena:** Elle Woods aparece no último dia do tribunal vestida da forma que gosta, Elle Woods está “montada” na sua estética e identidade social. A cena começa com as portas do tribunal fechadas e logo se abre revelando dos pés à cabeça a personagem na sua cor rosa choque com uma roupa exagerada e acessórios chamativos para defender sua cliente.

Após assistir o trecho, o professor apresenta a seguinte pergunta no quadro:

**Pergunta:** Analisando toda a trajetória da personagem ao longo do filme, qual a importância da personagem aparecer com a sua identidade visual e social no tribunal?

**Recursos e materiais didáticos:** sala de aula com projetor, acesso a alguma plataforma de streaming que o filme está disponível, computador/notebook, lápis, caderno, canetas e folhas.

### **Aula 3 – Seminários de identidades, diversidades e personagens.**

#### **Ação prévia - uma semana antes**

Os alunos deverão se unir em grupos de até 5 componentes e devem apresentar um seminário sobre identidade, diversidade e cultura a partir de uma personagem. Eles poderão escolher uma das personagens que listarem na primeira aula, ou uma totalmente nova que eles queiram apresentar. Destrinchando essa personagem pensando como ela é produto e produz certos traços identitários e culturais.

#### **Momento único – 50 minutos: apresentação dos seminários**

Cada grupo de alunos terá até 7 minutos para apresentar um seminário na frente de todos os colegas sobre a personagem escolhida. O seminário pode contar com recursos como *powerpoint*, trechos do desenho, livro ou filme que este personagem aparece e outros recursos físicos e digitais para agregar na experiência de ensino.

O professor deve passar para os alunos os seguintes critérios que devem ser apresentados no seminário:

1. Nome da personagem e contexto da história da personagem;

2. Identificar os traços de identidade (roupas, estilos, jeitos, estilos de vida que remetem a identidade da personagem) e cultura passam pela personagem;
3. Qual a identidade social da personagem;
4. Mobilizar os conceitos apresentados em sala de aula;
5. Assim como a personagem principal de Legalmente Loira, Elle Woods, os alunos devem identificar e relatar como podemos pensar a identidade, cultura, diversidade e diferença através da personagem escolhida pelo grupo.

**Recursos e materiais didáticos:** sala de aula com projetor, computador/notebook, lápis, caderno, canetas e folhas.

### **PARA NÃO CONCLUIR...**

Este trabalho teve como objetivo debater o uso dos filmes em sala de aula, a potência da futilidade e apresentar um projeto didático utilizando o filme “Legalmente Loira”. Este projeto didático permite que a utilização do filme gere um debate fazendo com que os alunos tenham um maior protagonismo e uma atuação ativa no desenvolver da atividade, ocasionando uma reflexão sobre temáticas socioantropológicas na medida em que suas consciências mobilizados os conceitos estudados dentro (e fora) da obra cinematográfica a partir da análise filmica.

Reitero que aulas que estimulam a participação e uma visão crítica de obras cinematográficas, proporcionam um maior entendimento do mundo social e, principalmente, dos aparelhos de dominação da indústria cultural (Adorno, 2024). A utilização de aulas com metodologias ativas proporcionou um ambiente fabulativo e criativo (Corazza, 2019) para que os alunos possam também, a partir dos conceitos mobilizados, expressar suas opiniões em torno do filme partindo das perguntas norteadoras.

Por fim, a análise filmica se apresenta como um recurso educacional muito funcional e útil para a criação de aulas que engajam os alunos e permite uma maior compreensão de teorias complexas, tornando o ensino de socioantropologia no Ensino Médio ainda mais qualificado e comprometido em mobilizar as teorias adentrando as realidades sociais dos estudantes que são tão importantes para a compreensão crítica do mundo social.

## REFERÊNCIAS

A FUGA DAS GALINHAS. DreamWorks Animation SKG (Produtora). DreamWorks Pictures. 2000.

ADORNO, T. W. Indústria Cultural e Sociedade. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2024.

AZERÊDO, G. Emma e as Patricinhas de Beverly Hills: Relações Irônicas. **Contracampo**, n. 08, 2003.

BEE MOVIE. Direção: Steve Hickner e Simon J. Smith. Estados Unidos: DreamWorks Animation. 2007.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A Construção social da realidade**. Petrópolis; Vozes. 2002.

BIROLI, F. Teorias Feministas Da Política, Empiria E Normatividade. Lua Nova: **Revista de Cultura e Política** [online]. n. 102. 2017.

BODART, C. N. Fotografia como recurso didático no ensino de sociologia. **Em Tese**, v. 12, n. 2, p. 81-102, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

COELHO, Roseana Moreira de Figueiredo; VIANA, Marger da Conceição Ventura. A utilização de filmes em sala de aula: um breve estudo no Instituto de Ciências Exatas e Biológicas da UFOP. **Revista da Educação Matemática**, v. 1, 2011.

CORAZZA, Sandra Mara. O direito à poética na aula: sonhos de tinta. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24. 2019.

CUCHE, D. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru: EDUSC, 1999.

FACCHINI, Regina. **Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo**. Tese de doutorado: Unicamp. 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**, 17a. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GEERTZ, C. Os usos da diversidade. **Horizontes antropológicos**, v. 5, p. 13-34, 1999.

GONÇALVES, B. E. O makeover em filmes adolescentes e o impacto do padrão de beleza no comportamento. **Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação-Jornalismo)-Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro**, 2018.

HALBERSTAM, J. A ARTE QUEER DO FRACASSO - JACK HALBERSTAM. **A ARTE QUEER DO FRACASSO**. 2020. Disponível em

<[https://www.academia.edu/42870801/A\\_ARTE\\_QUEER\\_DO\\_FRACASSO\\_JACK\\_H\\_ALBERSTAM](https://www.academia.edu/42870801/A_ARTE_QUEER_DO_FRACASSO_JACK_H_ALBERSTAM)>

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 6a ed., Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

JOVENS BRUXAS. Direção: Andrew Fleming. Estados Unidos: Columbia Pictures. 1996.

KRENAK, A. Ailton Krenak. **Rio de Janeiro: Azougue**, 2017.

KUPER, A. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Edusc, 2002.

LEGALMENTE LOIRA, Direção: Robert Luketic. Estados Unidos: Metro-Goldwyn-Mayer. 2001.

MENINAS MALVADAS, Direção: Waters, M. Estados Unidos: Paramount Pictures. 2004.

MONSTROS S.A. Pixar Animation Studios (Produtora). Estados Unidos: Walt Disney Pictures. 2001.

NAHARRO, F. G. Cultura, subcultura, contracultura: "Movida" y cambio social (1975-1985). In: **Coetánea: III Congreso Internacional de Historia de Nuestro Tiempo. Universidad de la Rioja**. p. 301-310. 2012.

NOVAES, S. C. O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia. **Cadernos de arte e antropologia**, v. 3, n. 2, p. 57-67, 2014.

PATRICINHAS DE BEVERLY HILLS. Direção: Amy Heckerling. Estados Unidos: Paramount Pictures. 1995.

PERILO, M. **No Circuito da Pinta: estilo, (homo)sexualidade e diferença em sociabilidades juvenis**. 2011.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Petrópolis: Vozes, 1973.

SONNET, E. From Emma to Clueless: Taste, pleasure and the scene of history. In: **Adaptations**. Routledge, 2013. p. 51-62.

VIANA, M. C. V. O Cinema na Sala de Aula e a Formação de Professores de Matemática. Mini-curso oferecido aos alunos do Curso de Matemática na UFRRJ. Dia de Atividades Acadêmico-Científico-Culturais. 18 de maio de 2010. Seropédica- RJ.

VIANA, M. C. V. Perfeccionamiento del currículo para la formación de profesores de matemática en la UFOP. Tese de Doutorado. ICCP-Cuba. 2002.

VIEIRA, L. Morrer pela pátria? Notas sobre identidade nacional. **Política & Sociedade**, v. 5, n. 9, p. 71-90, 2006.